

Daniel Munduruku

MEMÓRIAS DE ÍNDIO

Uma quase autobiografia

edelbra

MEMÓRIAS DE ÍNDIO

Uma quase autobiografia

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

edelbra

Daniel Munduruku

MEMÓRIAS DE ÍNDIO

Uma quase autobiografia



1ª edição, 1ª impressão

Ilustrações: Rita Carelli

Projeto gráfico: YOYO ateliê gráfico

Revisão: Rosana Maron

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M928m

Munduruku, Daniel, 1964-

Memórias de índio: uma quase autobiografia / Daniel Munduruku;
ilustração Rita Carelli. - 1. ed. - Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016.
216 p.: il., 21 cm.

ISBN 978-85-5590-016-7

1. Ficção brasileira. I. Carelli, Rita. II. Título.

16-34664

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

2016 | Edelbra | www.edelbra.com.br

Central de Atendimento | 51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

Selo FSC

edelbra

edelbra

À Tania
Pela companhia amorosa.

edelbra

edelbra

edel

ra

edelbra

edelbra

SUMÁRIO

Memória a granel: introduzindo nossa conversa 8

PARTE UM: CRIANÇA

Um terremoto rasga o coração da terra 15

Nunca gostei de ser “índio” 19

Menino-quase-homem 23

Um avô para chamar de meu 29

Professora de Português 33

Bosta de anta 37

Em noite sem luas, histórias de terror 41

Histórias de guerra 45

Vendendo “chopp”, acumulando sonhos 49

Escola de vida 53

Linda e eu, atrás da moita 57

No quintal de casa, o primeiro beijo 61

Sonhos, estranhos sonhos 65

Tu és “um pereba”! 69

PARTE DOIS: JUVENTUDE

Gráfico offset 77

Sobre aranhas e livros 81

Carnaval diferente: relampejos de uma vocação 85

Seminário São Pio X 91

O Papa e eu 95

Páscoa é passagem: o primeiro texto 99

Comunidade eclesial de base 103

“Fazer bagunça em terra alheia”	107
Pré-noviciado	111
Noviciado em São Carlos: um rito de passagem	115
De volta a Manaus	119
Saindo pela tangente	123

PARTE TRÊS: VIDA ADULTA

Em Lorena, minha primeira paixão	131
Lorena: encontrando Tania	137
Um sinal do acaso?	141
Outras amizades, outros aprendizados	145
Voltando para casa	151
Pagando para ver	155
Um encontro mágico	159
Revolvendo histórias	165
Histórias de índio	171
O dia em que nasceu o escritor	175
Começar de novo	179
Passeando entre livros	183
Mexendo com sonhos: a literatura indígena	189
Por quem bate meu coração?	195
20 anos depois	201

PARTE FINAL: À GUIZA DE CONCLUSÃO

Filhos da mesma floresta	209
O que sou só serve para mim	213

MEMÓRIA A GRANEL: INTRODUZINDO NOSSA CONVERSA

A granel era como vendiam produtos em tempos atrás. Os comerciantes montavam suas lojas com mercadorias que podiam ser vendidas em partes, pedaços, frações. As pessoas se dirigiam a esses pequenos comércios e pediam meio quilo de farinha, duzentos gramas de manteiga, um quarto de arroz, meio pão, dois Ki-sucos, um pedaço de mortadela. No fim, pediam para marcar na caderneta que seria paga no fim do mês, quando os pais recebiam o salário.

8 Nossa memória funciona também assim, a granel. Ela vai trazendo à tona pequenos fragmentos de coisas vividas. Faz assim quando ouvimos uma música que nos recorda alguém ou algum fato ocorrido; quando pessoas passam e deixam para trás um cheiro que nos remete a um perfume que marcou positiva ou negativamente nossas vidas. Ou ainda quando relembramos fatos, pessoas, frases, comidas, odores. Nossa memória fraciona, divide, separa nossas lembranças. Faz isso para nos proteger. A memória tem que ser a granel porque tudo o que guardamos dentro da gente

gera emoções, sentimentos, alegrias e dores. Nossa memória é seletiva para proteger-nos de nós mesmos.

Quanto mais velhos vamos ficando, mais a memória se mostra. Quando a gente é pequeno, não sente muito a força dela, mas com certeza vamos acumulando tudo o que vivemos. Aos poucos e à medida que ficamos jovens, conseguimos perceber a influência de tudo o que passamos. Isso acontece porque nossa cabeça, nosso cérebro, não descarta nada. O que é vivido fica registrado. Acontecimentos bons ou ruins, alegres ou tristes passam a fazer parte da nossa história. São marcas que vão morar dentro da gente como uma tatuagem ancestral: a gente nunca mais se desfaz dela. Algumas são marcas profundas de nossa personalidade; outras deixam mágoas e causam sofrimentos. Às vezes, começam na infância, alimentam-se na juventude e crescem na fase adulta, gerando pessoas tristes, problemáticas, infelizes, não realizadas, de mal com a vida, com as pessoas e com o mundo.

Também pode acontecer o contrário, claro. Nossas experiências, ainda que tristes, podem nos tornar adultos felizes, realizados, contentes com a vida. Nem tudo o que está gravado dentro da gente é ruim. Há coisas maravilhosas que a gente nem se dá conta de que são boas. E coisas que a gente ouve, mas não entende na

hora. Nossa memória guarda para mais tarde, e assim vamos construindo nossa própria existência, ora com coisas agradáveis, ora com desagradáveis.

O que lhes apresento aqui é um pouco de minhas memórias. Elas chegam a granel, como dropes que vamos digerindo devagar. Algumas dessas crônicas são doloridas, outras felizes. Fui uma criança feliz, aliás, como todas deveriam ser. Não vivi guerras ou violências premeditadas. Isso vocês verão nas entrelinhas do que escrevo. Tive, no entanto, momentos críticos, difíceis. Nem sempre fui um bom filho e nem sei se sou um bom pai. O fato é que aqui escrevo minhas lembranças de tempos já vividos. Todas são quase verdadeiras. Outras são quase falsas. Algumas são inventadas para dar mais emoção. Há também as que se misturam, e eu já não sei distinguir se as vivi ou inventei para amenizar meu coração. Isso faz parte de nossa sobrevivência. Peço que não julguem minhas invencionices como se fossem mentiras e não aceitem as verdades sem questioná-las. Desejo que elas sirvam de reflexão ou, quem sabe, de inspiração para meus leitores.

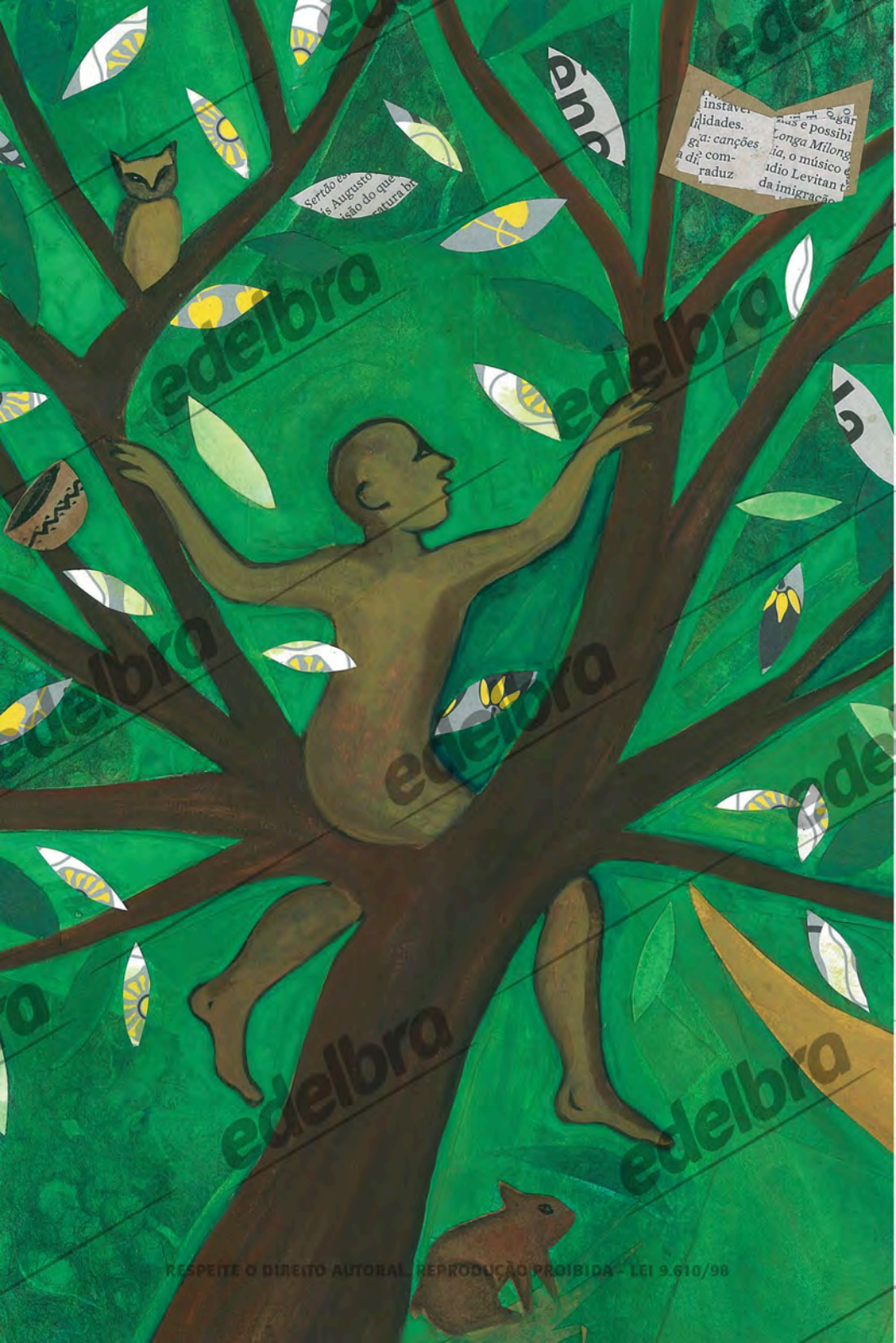
Tudo o que está escrito é um misto de pensamentos, vivências, aprendizados, sentimentos e conflitos por mim vividos ou por mim observados. Alguns desses escritos aconteceram na floresta por mim habitada

e outros são da floresta que me habita. Entendam floresta como quiserem, mas não esqueçam que ela pode estar em qualquer lugar, inclusive na alma da gente.

Gosto de pensar que a minha escrita eu invento antes para mim mesmo, para não esquecer o que fui, para não negar o que sou e para não me arrepender do que serei um dia. E o que serei? Pó, apenas pó que se juntará ao universo e alimentará a fantasia de nossa própria humanidade. Eu me juntarei a todos os outros seres que andaram por aqui e dos quais também eu sou memória a granel.

Boa e feliz leitura!

PARTE UM
« CRIANÇA »



instáveis
idades.
gã: canções
a di: com-
raduz
Longa Milong
lia, o músico e
adio Levitan t
da imigração

Serto es
de Agosto do que
ção do que
tura int

UM TERREMOTO BASGA O CORAÇÃO DA TERRA

Eu tinha 6 anos ou menos quando a rede em que eu estava deitado começou a balançar sozinha. Comecei a chorar convulsivamente, e logo minha mãe foi ao meu encontro. Por alguns minutos, a casa balançou e a gente pensou que ia desmoronar.

Mamãe ficou muito assustada e nós também porque a gente não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo. Meus irmãos e eu ficamos escondidos embaixo da mesa por cerca de meia hora, até que tudo parecesse seguro para nós. Meu pai não estava em casa. Tinha saído para o trabalho. Ouvimos alguns gritos no lado de fora da casa, e isso nos deixou com mais medo ainda. Mamãe foi espiar, ainda que pedíssemos a ela para não ir. Ela nos acalmou e falou que voltaria logo. Foram longos minutos de espera. Meus irmãos mais velhos também tentavam me acalmar, mas meus soluços disparavam sem minha vontade.

Não demorou muito e minha mãe retornou. Ela nos tranquilizou dizendo que tudo já tinha passado. Fomos saindo devagarinho, devagarinho, observando

os objetos caídos, algumas trincas, painéis no chão. Abrimos a porta e olhamos lá fora. A rua estava cheia de gente assustada. Mamãe me pegou pela mão. No rosto das pessoas havia medo, eu senti isso. Afinal, o que havia acontecido? Que barulho fora aquele? Teria sido um objeto voador, pois todos olhavam para cima? Ninguém sabia. Eu permanecia encolhido e grudado na mão de mamãe. Meus irmãos já começavam a circular livremente pela rua, procurando alguns estragos que eram aparentes: tinha árvore que ficou torta, baranco que caiu, varal de roupa que arrebentou, galhos espalhados, cachorros latindo por toda parte.

16 Nessa época, a gente vivia um pouco isolado dos grandes centros, e por isso ficamos na curiosidade. À noite, os velhos contavam histórias antigas que traziam fenômenos semelhantes: tremores de terra. Nas histórias, diziam que era a fúria dos ancestrais. Eles estavam tristes com os seres humanos, e por isso faziam a terra tremer para que as pessoas tomassem juízo. Eu ouvia tudo aquilo sempre agarrado à saia de mamãe. Estava com medo de que os ancestrais quisessem me pegar por eu ter feito alguma coisa ruim. Acho que as pessoas em geral também pensavam assim, porque, tão logo podiam, voltavam para casa. Não

sei se iam rezar ou dormir, mas o fato é que todo mundo se recolheu mais cedo.

Quando o dia amanheceu, tudo parecia normal. A vida recomeçou, e os estragos foram arrumados pela comunidade. Os comentários continuavam, mas já não tinham força. Meu pai chegou na hora do almoço. Ele veio da cidade cheio de novidades. Todo mundo se reuniu no barracão comunitário para ouvir o que ele tinha a dizer. Meu pai se sentiu importante. Ele era o centro das atenções, e por isso fez uma média antes de começar a falar. As pessoas já estavam perdendo a paciência quando ele resolveu contar que o que havia acontecido se chamava terremoto e que todo mundo da cidade de Belém também tinha sentido e ficado desesperado. Alguém quis saber o porquê de isso ter acontecido. Meu pai não sabia direito, mas afirmou que as placas do centro da Terra haviam se mexido. Muita gente riu. Meu pai também riu. Ele apenas falou que foi isso que havia ouvido por lá.

Aos poucos, a vida foi voltando ao normal. Nossa casa foi consertada por papai, que era um grande carpinteiro. Meus irmãos mais velhos o ajudaram. Eu também ajudei no que pude, mas como era o mais novo não me deixaram atrapalhar demais. O assunto aos poucos

foi sumindo, sumindo, até que ninguém mais se lembrasse dele.

Depois que cresci e me tornei adulto, a imagem de minha rede balançando sempre me acompanhou. Algumas vezes, cheguei a perguntar sobre o ocorrido, mas meus pais diziam que não se lembravam disso. O interessante é que meus irmãos também não se lembram do ocorrido. Cheguei a pensar que tinha vivido um sonho naquela época. Eu também não procurei maiores explicações. Afinal, para que ficar lembrando coisas amargas, não é? Uma coisa é certa, porém: eu nunca, jamais, me esqueci do dia em que um terremoto rasgou o coração da Terra... e quase me levou junto com ele.

Essa é, certamente, a lembrança mais antiga que carrego comigo. Talvez a mais violenta, talvez a mais triste, talvez a mais certa.

NUNCA GOSTEI DE SER “ÍNDIO”

Nasci com cara de índio, dizem. Mas só soube disso depois. Colegas de escola assim me definiram tão logo me viram chegando com um uniforme apertado, fazendo conjunto com um short e com um sapato com número menor que meu pé.

Foi uma experiência muito estranha para mim e me deixou meio traumatizado. É que eu cresci em uma pequena comunidade no interior do Pará. Era uma aldeia, mas lá ninguém se apelidava de índio. Todos tínhamos nome, sobrenome, parentesco, amigos e animais de estimação. O que não tinha era energia elétrica, e por isso a vida começava cedo para aproveitar bem a luminosidade do sol. Aprendi, com isso, a respeitar a natureza desde que era menino. Aprendi a olhar para o tempo e reconhecer suas mensagens: chuva, sol quente, tempestade, frio, lua cheia ou minguante. Aprendi a respeitar os passos dos outros seres e a não fazer xixi no igarapé. Aprendi a caçar calangos usando armadilhas ou tacape e a flechar pequenos animais a uma distância segura. Também aprendi a tomar banho de chuva, nadar com desenvoltura, esculpir meus brinquedos

nas taquaras e nos caroços de manga e andar na mata sempre atento aos sinais de perigo.

Apesar de tudo o que sabia, de escola e de amizade confusa nada sabia. Por isso me zanguei quando minha mãe me obrigou a colocar o tal uniforme para ir à escola. “É para você aprender coisas novas”, ela disse. “É para você crescer inteligente”, meu pai disse. “É para você saber mais que nós”, meu tio disse. “É para você ficar civilizado”, meu irmão mais velho ironizou.

Quem não disse nada foi meu avô, que ficou olhando de longe um tanto desconfiado. Observou tudo o que estava acontecendo e depois riu da roupa que eu estava usando. Não foi um riso de deboche, mas eu senti como se fosse. Depois compreendi o que se passou na cabeça dele. Ele sabia o que eu iria passar.

20 De qualquer maneira, eu estava animado para aquele momento. Muito já ouvira sobre a escola do branco e tinha uma vontade grande de conhecê-la. E foi com esse espírito que aceitei usar aquele uniforme feio e aqueles sapatos que apertavam meus pés, que, antes, eram livres, inclusive do mau cheiro que depois eu senti.

Cheguei à escola bem motivado. Meus pés apertados me faziam andar meio torto. Adentrei no prédio disposto a aprender as coisas dos brancos. Logo de cara, me deparei com um grupo de colegas. Todos

eram um pouco parecidos comigo, e senti que poderiam ser meus amigos. Fiquei feliz. No entanto, quando fui me aproximando do local, um deles apontou o dedo para mim e gritou: “Olha o índio que chegou na nossa escola!!! Olha o índio!”.

Eu fiquei olhando para todas as partes, procurando o tal índio! Achei que era um passarinho que eu não conhecia! Quando eles viram que eu não sabia do que falavam, começaram a rir. Só depois é que me dei conta de que eles falavam de mim.

Pode parecer estranho, mas aquela palavra “índio” eu não conhecia. Eu não sabia que existia alguém que se chamava índio. Meus pais nunca me chamaram assim; meus irmãos, também não; meus outros parentes, idem. Era uma palavra que não cabia em meu pequeno vocabulário português. Entendi, então, que meus colegas me deram um apelido. No começo, eu até achei que era legal ter um, mas depois fui compreendendo que por causa dele quase sempre eu era isolado nas brincadeiras, no pátio, na hora do lanche ou nas atividades escolares. Percebi que meu apelido era motivo de piada e minha origem era motivo de chacota. Isso me deixava muito triste.

O engraçado é que eles se pareciam comigo: tinham cara igual à minha, cabelos lisos como os meus,

maças do rosto salientes e até pé chato alguns tinham. Por que eles zombavam de mim? Sabem quem me esclareceu? Minha mãe. Quando cheguei em casa e contei o que havia acontecido, ela me colocou entre suas pernas, afagou meus cabelos e disse, sem rodeios: “Eles se acham civilizados, meu filho. Acham que por estarem mais tempo na cidade já aprenderam tudo e podem fazer mal para as outras pessoas. Não ligue para as bobagens que eles dirigem a você. Mas também não se permita ficar como eles. Seja sempre um bom menino e não deixe que um apelido destrua a bondade de seu coração”.

Mamãe falou isso e me deixou brincar. Não pensei duas vezes e corri para encontrar meus amigos verdadeiros, que moravam na mesma aldeia que eu. Eu tinha perto de 9 anos. Eu nunca gostei de ser índio.

MENINO-QUASE-HOMEM

Sempre gostei de andar sozinho. Me dava preguiça andar em grupo. Eu gostava de falar com as árvores e com minha cutia de estimação. Também gostava de chupar manga no pé. Quando o fim do ano ia se aproximando e as mangueiras começavam a florir, um sorriso avançava no meu rosto. Tão logo elas amadureciam, eu corria para o quintal de casa e ia me empanturrar com elas. Levava sempre uma cuia com farinha de mandioca. Sentado num galho, eu ficava um tempão contemplando a beleza da árvore que se espalhava pelo quintal. Em seguida, apanhava a que eu achava suculenta e a devorava, tomando o cuidado de guardar o caroço, que depois transformaria em personagens para minhas brincadeiras.

Acontece que numa aldeia é difícil ficar sozinho, sozinho, sozinho. A vida comunitária é exigente. Crianças pequenas estão sempre na mira dos adultos. Não se pode sair perambulando sem cuidado. É preciso que haja um adulto que nos ensine por onde devem andar nossos passos, para onde nossos olhos devem mirar, para que lado nasce ou se põe o sol. São dicas

PARTE DOIS
« JUVENTUDE »



RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

GRÁFICO OFFSET

Aos 13 anos de idade, cheguei ao que hoje é chamado de fundamental II. Naquela época, chamávamos de ginásio. Eu havia terminado o primário, portanto me cabia estudar na fase que se seguia.

Minha escola era profissionalizante. Isso quer dizer que nessa fase dos estudos tínhamos de escolher um curso para seguirmos e que nos tornasse profissionais futuramente. Eu estava sendo preparado para o mercado de trabalho. Provavelmente, não seguiria os estudos depois do ginásio. Aquele tempo era assim: estudar era uma regalia que parava aos 15 ou 16 anos. Depois disso, teríamos que entrar no mercado de trabalho para fazer o país crescer, diziam.

Já na sexta série, a gente passava por um rodízio em várias oficinas: torneiro mecânico, marcenaria, gráfica offset ou mecânica de automóveis. Na sétima e na oitava séries, seguíamos o que havíamos escolhido e assim nos tornávamos profissionais. Eu escolhi ser gráfico offset. Gostava do cheiro das tintas das grandes rotativas que imprimiam jornais, revistas, folhetos, entre outras coisas. O maquinário era bem antigo, e a gente

“Tudo o que está escrito aqui é um misto de pensamentos, vivências, aprendizados, sentimentos e conflitos por mim vividos ou por mim observados. Alguns desses escritos aconteceram na floresta por mim habitada e outros são da floresta que me habita. Entendam floresta como quiserem, mas não esqueçam que ela pode estar em qualquer lugar, inclusive na alma da gente.”

Ilustrações Rita Carelli

ISBN 978-85-55900-16-7



9 781000 555588